

A educação que precisamos no Brasil – urgentíssimamente – vai muito além de noções a respeito de ciências, matemática e língua portuguesa ou de assuntos como salários e capacitação de professores; meio período ou período integral e coisas assim. Tudo isso é importante e, sem dúvida, estamos muito aquém de um mínimo desejável. Mas vai ser preciso muito mais para que um dia nosso país seja mais justo, competente e criativo. Ou, em outras palavras, seja mais civilizado. Estamos longe disso. Basta olhar o lamentável baixo nível de nossos políticos ou a alienação de boa parte de nossa elite econômica, preocupada exclusivamente em consumir e manter seus privilégios. Essa gente envergonha a noção de “elite” e pode ser descrita como “analfabeta social”, embora muitos, note-se, tenham estudado em escolas pretensamente “boas”. O artigo abaixo, publicado na Revista “*Carta Fundamental*” em outubro de 2010, trata deste assunto.

A leitura como agente do conhecimento

Ricardo Azevedo¹

Recentemente, no rádio, um locutor falava em liberdades individuais, no direito de cada cidadão ser o agente de suas próprias decisões e na importância da diversidade de opiniões. Imaginei que fosse alguma ONG em defesa da democracia. Nada disso. O texto era patrocinado por um fabricante de cigarros! A liberdade a que se referia, no fundo, era uma só: a de optar por ser fumante, contrariando todas as informações médicas disponíveis.

São complexos os desafios da educação nos dias de hoje. Creio que alguns deles nem sempre são lembrados.

É preciso formar nossas crianças e jovens de maneira que sejam capazes de perceber que discursos válidos e civilizadores podem ser utilizados como ações de marketing e propaganda (e também por políticos corruptos e regimes autoritários).

Fazer com que compreendam o funcionamento das sociedades fundadas em economias de mercado, para que saibam, por exemplo, separar consumo de consumismo ou propaganda enganosa.

¹ Ricardo Azevedo é escritor. Texto postado no facebook em 18/2/2015: <https://www.facebook.com/rjazevedo>

Que discutam o que é autoridade (a confiança conquistada legitimamente), autoritarismo (a obediência obtida à força) e omissão (a desresponsabilização diante, por exemplo, de pessoas inexperientes ou dependentes e, num outro patamar, diante da sociedade).

Que tenham claro que a liberdade é muito boa, mas tem limites: ninguém tem direito de desrespeitar o direito dos outros.

Que compreendam que são responsáveis não apenas pela construção de suas vidas particulares mas também pela da sociedade em que vivem.

Que aprendam a estudar (poucas escolas ensinam isso) e tenham o melhor preparo técnico possível sem jamais se esquecer de certas características de qualquer ser humano: somos incapazes de viver sem uma sociedade; somos capazes de construir linguagens e símbolos(e não apenas utilizá-los e repeti-los); temos dificuldade de distinguir a subjetividade da objetividade; somos efêmeros (morremos), corporais e passíveis de prazer e sofrimento; podemos pensar em assuntos abstratos como justiça, moral, política e estética; transformar a natureza e a sociedade (para melhor ou para pior) e, ainda, fazer projetos para, com sorte e competência, construir um futuro melhor (onde haja maior coincidência entre os interesses de todos e os interesses de cada indivíduo).

É importante que saibam respeitar, conviver e ser capazes de se identificar com hábitos, valores e crenças diferentes dos seus. Que discutam sobre por que têm sido levados a escolher suas profissões sem um mínimo de autoconhecimento (considerando apenas salários e a profissão da moda em detrimento de vocações). Que debatam formas alienantes e sub-reptícias de exclusão, como o "culto da celebridade" (que valoriza a pessoa "descolada" e sua "imagem", desprezando a pessoa "comum"). E também os hábitos culturais que misturam o público e o privado, para que possam analisar as práticas que transformam vidas e relações humanas em ações de marketing e pessoas em produtos de consumo.

Que conheçam os extraordinários avanços da modernidade, mas também suas inúmeras contradições. Que tenham acesso à multifacetada cultura de nosso país. Que estejam conscientes das desigualdades de nossa sociedade (por serem imorais e injustificáveis, elas costumam deixar nossas crianças e jovens confusos e céticos).

E ainda que sejam levados a compreender que não são a plateia, mas sim os protagonistas do futuro e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

Não sou pedagogo e conheço pouco os diferentes métodos educacionais. Sejam quais forem, a meu ver, deveriam ter por base assuntos como esses. Eis por que a leitura sempre terá um papel fundamental: desenvolvemos nosso pensamento crítico, principalmente, por meio dela. Sem ele, nossas crianças e jovens, tanto faz de que classe social, serão presa fácil da propaganda enganosa, da alienação e do niilismo.